

ANÁLISE DO DISCURSO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E APLICADAS: CONTRIBUIÇÕES DE CHARAUDEAU E FAIRCLOUGH

*DISCOURSE ANALYSIS AS A METHODOLOGICAL TOOL IN RESEARCH IN
HUMAN, SOCIAL AND APPLIED SCIENCES: CONTRIBUTIONS OF
CHARAUDEAU AND FAIRCLOUGH*

PHILIPPE DRUMOND VILAS BOAS TAVARES¹
RODRIGO LUZ BARBOSA²

Recebido em 08/04/2022

Aprovado em 13/06/2022

RESUMO

O presente artigo apresenta a Análise do Discurso como possibilidade de utilização para a consecução de pesquisas nas áreas abarcadas pelas Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas na forma de recurso metodológico. Procurando romper com a ótica reducionista de determinadas abordagens existentes na academia, a Análise do Discurso permite extrair uma quantidade significativa de conceitos, de ideologias e de práticas sociais comumente encontradas nos objetos e sujeitos de pesquisa existentes nas Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas, não contemplados por outras óticas de análise, principalmente pelos moldes positivistas. Parte-se das definições de Charaudeau e Fairclough sobre o entendimento do discurso como modo de ação que, por sua relação dialética com a estrutura social, permite investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Tal metodologia contribui na forma como podem ser analisados documentos oficiais, normatizações de âmbito jurídico, discursos escritos e falados, mostrando que não se trata apenas de diretrizes neutras e imparciais, mas articulam interesses, projetam políticas, produzem intervenções sociais e consensos. Conclui-se que, mais importante do que possibilitar elucidar a riqueza conceitual ou analítica destas áreas, essa preservação não deve ser confundida com permissividade, transformando os trabalhos acadêmico-científicos das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas em um antro de arbitrariedade apenas para concordar com um pensamento prévio acerca da temática investigada por parte do cientista.

Palavras-chave: Pesquisa Científica. Metodologia. Análise do Discurso.

¹Doutorando em Educação pelo programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa, especialista em Docência pelo Instituto Federal de Minas Gerais, graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa, professor e coordenador pedagógico do curso de Medicina da Universidade Vale do Rio Doce. phisamste@gmail.com

²Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Especialista em Direito Tributário pela Universidade Anhaguera Uniderp. Graduado em Direito Fundação Educacional Nordeste Mineiro. Professor do Curso de Direito do Centro Universitário Doctum de Teófilo Otoni. rtheluz@gmail.com

ABSTRACT

This article presents the Discourse Analysis as a possibility of use for the achievement of research in the areas covered by the Human, Social and Applied Sciences in the form of a methodological resource. Seeking to break with the reductionist perspective of certain approaches existing in the academy, Discourse Analysis allows us to extract a significant amount of concepts, ideologies and social practices commonly found in objects and research subjects existing in the Human, Social and Applied Sciences, not contemplated by others. perspectives of analysis, mainly through positivist molds. It starts with Charaudeau and Fairclough's definitions about the understanding of discourse as a mode of action that, due to its dialectical relationship with the social structure, allows us to investigate discursive practices as material forms of ideology. This methodology contributes to the way in which official documents, legal norms, written and spoken speeches can be analyzed, showing that it is not just about neutral and impartial guidelines, but they articulate interests, design policies, produce social interventions and consensus. It is concluded that more important than making it possible to elucidate the conceptual or analytical richness of these areas, this preservation should not be confused with permissiveness, transforming the academic-scientific works of the Humanities, Applied Social Sciences into a den of arbitrariness only to agree with a prior thinking about the topic investigated by the scientist.

Keywords: Scientific research. Methodological tool. Speech analysis.

Introdução

Durante muito tempo a visão positivista de como se faz Ciência ou sobre o que é ou não é Ciência imperou no meio acadêmico como definição metodológica de pesquisa hegemônica, oriunda das Ciências Naturais e Biológicas, em detrimento das outras propostas de se “fazer” Ciência que se configuravam em várias áreas e em diversos contextos, incluindo as Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas.

Reforçadas pelas “grandes descobertas tecnológicas” veiculadas pela mídia, especializada ou comum - esta última com mais frequência, infelizmente - as Ciências Naturais e Biológicas aparecem com maior destaque no cotidiano de várias pessoas que, por sua vez, vêm a se tornar pesquisadores em outras áreas e em campos totalmente diversos destas abordagens limitantes, o que faz com que o conceito de Ciência seja revisitado constantemente.

Dessa forma, as Ciências Sociais Aplicadas têm buscado contribuir com a consolidação de ferramentais metodológicos que, ao mesmo tempo, contemplem as diversas facetas qualitativas do objeto/sujeito de pesquisa (e também do pesquisador) e ainda se atenham aos moldes da academia no tocante à construção do conhecimento cientificamente válido e verificável.

É preciso, nesta ótica, atender a certos pressupostos de ordem quantitativa e estatística, ainda que inicialmente, para que as críticas se concentrem mais nos resultados obtidos do que na forma como foram obtidos. Em um universo onde os números sobressaem aos sujeitos, a título de generalização contextualizada, é comum ouvir pelos corredores acadêmicos “se ‘p’ não é menor que 0,05 então nem leio o resto do trabalho”. Como então afirmar que pesquisas de menor impacto estatístico são, necessariamente, pesquisas científicas também? O que seria da pesquisa Etnográfica se apenas $p < 0,05$ fosse o único balizador de veracidade científico-acadêmica? Ou ainda, como legitimar a pesquisa-participante se um dos pressupostos basilares do positivismo, enquanto norteador da pesquisa científica, é a não intromissão do pesquisador de forma a não “contaminar” a pesquisa? Repare que até o vocábulo comumente utilizado é oriundo da área biológica. Em função desta problemática ora apresentada que o problema de pesquisa deste trabalho se assenta: como utilizar uma abordagem metodológica de pesquisa em Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas que consiga extrair o máximo do objeto sem comprometê-lo? Como trazer o (a) pesquisador (a) ao trabalho realizado sem enviesar o objeto/sujeito de pesquisa?

Antes de abordar propriamente o problema de pesquisa do presente artigo, faz-se necessário reconhecer dois pontos importantes: primeiramente,

a contribuição do positivismo como corrente ideológica para afirmação das Ciências Sociais enquanto ciência, a Física Social ou Sociologia Científica³ e, em segundo lugar, todos os avanços conquistados ao longo do século XX em se tratando de pesquisas nas Ciências Sociais para constatação das inconsistências de apenas um método de se ler a realidade e, por conseguinte, agir nela e com ela.

Por isso, a metodologia de pesquisa na área das Ciências Sociais Aplicadas é tão rica em procedimentos e em análises, o que, ao mesmo tempo em que auxilia nas possibilidades de realização de investigações científicas, ocasiona certas dúvidas quanto a melhor escolha para relacionar o objeto de estudo com a proposta a ser realizada. Tal situação é de extrema importância para ser debatida, de forma a evitar o que Triviños chama de “indisciplina” do ponto de vista intelectual:

Podemos defini-la como uma ausência de coerência entre os suportes teóricos que, presumivelmente, nos orientam e a prática social que realizamos. Confusamente nos movimentamos dominados por um ecletismo que revela, ao contrário do que se pretende, nossa informação indisciplinada e nossa fraqueza intelectual. A maioria dos trabalhos, denominados dissertações de mestrado ou teses de doutorado, oferece larga margem para confirmar nossa assertiva. A mistura de correntes de pensamento, as citações avulsas e fora de contexto, etc. não só destes tipos de criatividade intelectual mencionados, mas também de textos que circulam nos meios pedagógicos etc. são facilmente detectáveis por quem costuma trabalhar dentro de uma linha definida de ideias. As razões que explicam essa falta de disciplina em nosso trabalho espiritual são de natureza múltipla (TRIVIÑOS, 1987, p. 15).

Ao continuar este raciocínio, Triviños (1987) destaca que, fundamentalmente, as razões para esta falta de disciplina são de origem histórica e têm-se manifestado de diferentes modos, antes de tudo pela formação profissional submetida a um processo unilateral de informação cultural, sonogando-lhe a ampla defesa de ideias. Este direcionamento dominante do meio científico leva à adoção de práticas de sobrevivência neste meio, ou seja, é necessário falar a linguagem do centro propagador da cultura, de ciência e de técnica vigentes para ter inserção na produção acadêmico-científica.

³ Para Comte, a ciência tem como objetivo pesquisar as leis que regem os fenômenos: "só o conhecimento das leis dos fenômenos, cujo resultado constante é o de fazer com que possamos prevê-los, evidentemente pode nos levar, na vida ativa, a modificá-los em nosso benefício". Nessa perspectiva, a lei é necessária para prever, e a previsão é necessária para agir sobre a natureza, fornecendo ao homem o domínio sobre esta última - "ciência, logo previsão; previsão, logo ação" (COMTE, 1988, apud Silvino, 2007, p. 280).

Consoante a estes questionamentos, nosso trabalho volta-se para as questões de ordem bibliográficas e documentais utilizadas em demasia nas Ciências Sociais e Aplicadas, mais precisamente na Educação e na Linguística, ainda que como ponto de partida para outros tipos de pesquisa de campo com maior ação do (a) pesquisador (a). Ante o exposto, a questão norteadora de nossa pesquisa se configura em como compreender as minúcias das palavras utilizadas em diversos contextos (discursos e documentos oficiais, legislação, entrevistas) sem realizar apenas uma interpretação pessoal do documento?

As ciências sociais aplicadas se distinguem das disciplinas científicas especialmente pelo grau de emotividade vinculado às suas noções mais gerais, afastando-se, ainda, na medida em que métodos precisos são utilizados para experimentar ou analisar determinados objetos, logrando êxito em obter acordo de mentes a respeito do conceito ou do experimento analisado.

De maneira diferente, as ciências sociais aplicadas trabalham com sentido conferido às palavras, vinculado a contextos e a valores reconhecidos em uma determinada época, por uma sociedade, associada, portanto, a instrumentos úteis de ação que constituem e compreendem as verdadeiras forças sociais.

Em razão disso, a presente pesquisa se mostra necessária, na medida em que a análise do discurso aparece como uma via a diminuir a subjetividade presente na pesquisa, determinando o sentido de uma ação, guiando-nos na experiência relacionada à pesquisa nas ciências sociais aplicadas.

Como dissemos, toda noção está vinculada a um ponto de vista que carrega em si uma afetividade e isso contribui diretamente com o sentido conceitual ou com a análise que se decide atribuir-lhe. Assim, por meio da análise do discurso, podemos sair das antinomias criadas em razão de possíveis subjetividades, escolhendo uma metodologia que dá preferência a uma característica essencial do objeto de análise, dispensando, naquele momento, outras, buscando determinar as características por meio de elementos anteriores ou intrínsecos ao discurso.

Por fim, através dessa pesquisa, queremos demonstrar que a análise do discurso não deve ser usada como uma fórmula vazia e de qualquer maneira, ao contrário, busca-se sempre eliminar a arbitrariedade presente nas pesquisas relacionadas às ciências sociais aplicadas, justamente para que a pesquisa se torne válida, atenda às exigências, seja quanto ao conteúdo ou suas regras, para que se acentue o caráter racional da pesquisa.

Antes de tudo, a Linguagem

A linguagem sempre foi o símbolo da evolução do homem sobre as demais raças que habitam o globo terrestre. Por intermédio dela que a comunicação é possível, os agrupamentos sociais, as trocas de ideias que promovem o avanço da ciência e da própria maneira de viver. Em razão das discussões relacionadas às diversas teorias linguísticas, as quais não abordaremos de maneira completa, a linguagem foi transformada no verdadeiro símbolo de (re)volução da humanidade sobre as demais raças que habitam a terra. Bakhtin (2016) nos lembra que os mais variados campos da atividade humana estão conectados com o uso da linguagem, sendo essa última um poder, talvez o primeiro que o homem tem acesso - antes mesmo do domínio do fogo (CHARAUDEAU, 2016).

De igual modo, Bakhtin (2016) ainda afirma que o emprego da língua é efetuado em forma de enunciados, que repercutem especificamente de acordo com as finalidades do campo onde está inserido, não apenas por conta do seu conteúdo, mas e também por conta do estilo da linguagem adotada, haja vista ter uma composição estrutural extremamente específica. Entretanto, mesmo tendo um enunciado singular, próprio de cada campo, o autor russo denomina como “tipos relativamente estáveis” de enunciados os nominados gêneros do discurso.

Acreditamos que, para conhecer o mundo social, não basta juntar uma quantidade de dados, é preciso avançar um pouco mais. Devemos, entretanto, começar pelos dados, documentos, pelo aparecer social, pelo empírico (FRANCO, 2004). É partilhando de tal ponto de vista que uma metodologia que atende a estes anseios para a análise documental se apresenta sob o viés da Análise de Discurso Crítica (ADC) de Norman Fairclough (2001).

Nossa análise se constituirá de ponderações críticas e conjecturais, partindo do entendimento do discurso como modo de ação que, por sua relação dialética com a estrutura social, permite investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, a metodologia empreendida aqui contribui sobremaneira na forma como podem ser analisados documentos oficiais na seara educacional, mostrando que não se trata apenas de diretrizes para a educação, mas articulam interesses, projetam políticas, produzem intervenções sociais e consensos. É válido ressaltar que este trabalho não se propõe a ser um manual único para análise discursiva como metodologia qualitativa de pesquisa social, tampouco esta ótica dupla aqui apresentada (Fairclough e Chareaudeau) é a única possível. Este artigo busca elucidar algumas questões de ordem prática para

que questões maiores de ordem conceitual possam ser dirimidas com o auxílio desta abordagem.

A compreensão da noção de práticas é de suma importância para a perspectiva sociodiscursiva da ADC, pois “a linguagem é parte irreduzível da vida, o que pressupõe relação interna e dialética de linguagem-sociedade” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 13), admitindo, assim, que o discurso é uma dimensão da prática social e que tal prática é moldada e transformada pelos discursos. Segundo Resende e Ramalho (2011, p.15), “a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irreduzível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem”, o que justifica a necessidade de estudos que remetam à relação dialética entre linguagem-sociedade em um país, como o Brasil, dominado por relações hegemônicas de poder e onde são veiculados discursos que constroem práticas sociais discriminatórias.

Assim, para melhor desenvolvermos este trabalho, adotaremos a noção de discurso pela ótica Teoria Semiolinguística desenvolvida por Charaudeau (2016), com intuito de entender os tipos de procedimentos discursivos e na abordagem tridimensional do discurso de Fairclough (2001), desvelando o que há por detrás dos discursos e documentos oficiais.

A Linguagem como instrumento de transformação social

A linguagem está presente em todos os campos de atuação humana. Desde a tenra idade, lidamos diariamente com este mecanismo que nos permite conectar com outros seres da nossa espécie e, conseqüentemente, o mundo. Nessa perspectiva Fiorin (2008, p. 29), lembra-nos que “a linguagem é objeto de estudo de várias disciplinas” e “a linguística, por exemplo, tem por finalidade a explicação dos mecanismos da linguagem por meio da descrição das diferentes línguas faladas no mundo”.

Por ser objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, por muito tempo, a linguagem e, assim também a linguística, funcionaram como catalisadores das ciências fronteiriças, como por exemplo a antropologia, a história, a etnologia, a sociologia, dentre outras. Para Saussure (2006, p. 17), “a linguagem é multiforme e heteróclita”; “o cavaleiro de diferentes domínios”. Porém, mesmo considerando que a linguagem pertencia a um campo interdisciplinar, o autor é influenciado pelo movimento nascido no século XVIII, quando as atividades científicas passaram a ser vistas sob o prisma da especialização.

Além das contribuições trazidas por Saussure para o crescimento e para a divulgação dos estudos linguísticos, este não foi o único a impulsionar o ramo como ciência autônoma. Nos anos 1950, o trabalho de Noam Chomsky iniciou estudos voltados para compreensão da linguagem, sendo denominada linguística gerativa ou gerativismo, propondo um modelo teórico que conseguisse explicar e validar a faculdade da linguagem como um dispositivo inato aos humanos, observando as mais variadas línguas, descrevendo quais são os princípios que as regem e os parâmetros que as norteiam.

Entretanto, a análise linguística estava restrita à sua investigação estrutural, principalmente porque Saussure tinha priorizado o estudo da língua. Segundo Pauveau (2006, p.66), “o objeto da linguística é a língua e não a linguagem. Com efeito, a linguagem é uma faculdade humana muito mais vasta e menos específica que a língua”, compreendendo o motivo que leva o próprio Saussure a privilegiar o estudo de um em detrimento do outro. Assim, faz-se necessário compreender a escolha da langue em relação à parole como uma preferência e não como um descarte. Isso se deve ao fato de Saussure ter compreendido a importância de ambos, mas, ao mesmo tempo, ter percebido que a língua, como produto social, seria mais facilmente observada e compreendida do que a fala, um produto individual e, conseqüentemente, difícil de ser observada naquela época.

Com os avanços científicos nas mais variadas áreas do conhecimento, inclusive nos estudos da linguagem, foi percebendo que estudar a estrutura da língua não seria suficiente para dar conta da infinidade de possibilidades decorrentes do gênero de estudos. Assim, a compreensão da língua e da fala se expande e se mostra rica e generosa, principalmente ao considerarmos a forma como ela se molda ao encontrar com o mundo e com os sujeitos que nele habitam.

Nessa toada, nasce uma corrente linguística intitulada de funcionalismo que vem contrapor as ideias estabelecidas pelo estruturalismo e pelo gerativismo, que privilegiavam os aspectos mais estruturais e formais da sentença, não levando em consideração as interações relacionadas a esses fenômenos, como por exemplo, o contexto comunicativo (MARTELOTTA, 2016). Essa nova proposta de análise linguística suscitou e, ainda suscita, inúmeros debates, haja vista que se iniciou uma discussão sobre o que deveria ser privilegiado nestes estudos, a forma ou a função, discutindo-se inclusive se “a linguagem tem a forma que tem por que é determinada por suas funções? Ou suas funções é que são “permitidas” pela forma?” (NETO, 1997, p.15).

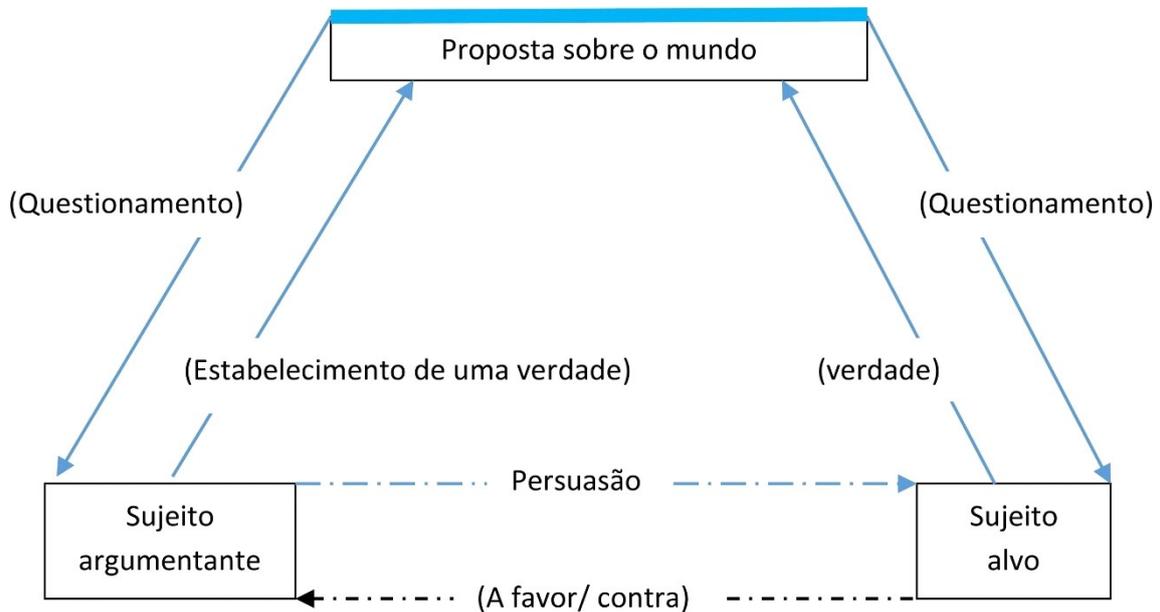
Nesse sentido, afirma Bakhtin (2016) que o emprego da língua é efetuado em forma de enunciados e estes repercutem especificamente de acordo com as finalidades do campo onde estão inseridos, não apenas por conta do seu conteúdo, mas também por conta do estilo da linguagem adotada, haja vista ter uma composição estrutural extremamente específica.

Por conta da riqueza dos citados gêneros, afirma ainda (ibidem, p.262) que “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas [...] à medida que se desenvolve e se complexifica em um determinado campo”. A partir dessa concepção, o ato comunicativo torna-se inerente à situação de comunicação, propondo uma visão interacionista, afirmando que o projeto de fala é composto por uma intencionalidade já que as trocas languageiras são orientadas para a sua execução. Para tanto, o gênero discursivo jurídico ‘sentença’ deverá ser compreendido como fruto da encenação de um ato de linguagem, ou seja, a efetivação do discurso.

Semiolinguística do Discurso: a intencionalidade do discurso

Para alcançar suas finalidades e cumprir seu projeto de fala, o enunciador lançará mão do modo de organização do discurso, especialmente do modo de organização argumentativo (CHARAUDEAU, 2016). De tal modo, segundo o autor (idem, 2016, p. 205), “define-se, portanto, numa relação triangular entre sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo”, ou seja, para que a argumentação seja possibilitada, há necessidade de que essa proposta suscite uma indagação em alguém, um sujeito que desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer se há uma verdade relacionada a esta proposta e, por fim, um sujeito que, ao se relacionar (questionar) com esta proposta, com o questionamento e com a possível verdade, seja o alvo do procedimento argumentativo, com objetivo de fazê-lo compartilhar da mesma ideia do sujeito que tenta persuadi-lo, cabendo ao sujeito alvo ficar contra ou a favor da alegação intentada.

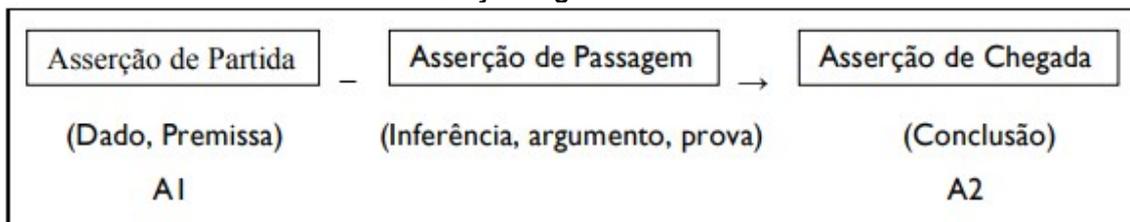
Figura 1:
Representação da relação triangular na cena argumentativa



Fonte: Charaudeau (2016, p. 205).

A racionalidade argumentativa, em concordância com Charaudeau (2016, p. 209), é orientada por pelos menos três elementos, “uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão, resultado) e uma (ou várias) asserção de passagem que permite passar de uma a outra (inferência, prova, argumento).

Figura 2
A relação argumentativa



Fonte: Charaudeau (2016, p. 210).

A asserção de partida (A1) equivale a uma proposição sobre o mundo dado ou premissa que faz existirem seres, atribuindo-lhes propriedades. Essa asserção é representada por um enunciado que funciona como premissa para conjecturar uma nova asserção que justificará a primeira.

Já a asserção de chegada (A2), simboliza aquilo que deve ser aceito como consequência da asserção de partida (A1), em razão da causalidade que conecta A1 e A2. A asserção de chegada pode equivaler tanto a uma causa

da premissa A1 ou até mesmo sua consequência, podendo representar a conclusão argumentativa ou aquilo que legitima a proposta.

No tocante à asserção de passagem, há uma representatividade do universo de crenças que se relaciona, fazendo com que haja uma justificação da relação de causalidade existente entre A1 e A2. Esse universo deverá ser compartilhado pelos interlocutores envolvidos no processo argumentativo, no intuito de legitimar a relação que une A1 e A2, bem como provocar o interlocutor, no papel de sujeito argumentante, para que aceite ou não a proposta realizada como verdadeira.

É por isso, como salienta Koch (2015, p. 29), que “se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras)”. Implica dizer que, ao utilizar a asserção de passagem para reforçar a premissa, o enunciador pretende prover seu enunciado de uma força argumentativa que dissolva qualquer vontade contrária que possa existir no sujeito alvo. Ademais, toda língua possui em sua gramática “mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados”, ou seja, marcas linguísticas que nos permitem interpretar o “o modo como aquilo que se diz é dito”, possibilitando clarear as intenções de quem fala (idem, p. 29).

Segundo Charaudeau (2016, p.207), a função do modo argumentativo é “permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo”, em uma perspectiva demonstrativa e em outra perspectiva persuasiva. Do ponto de vista demonstrativo, temos a relação entre as asserções, estabelecidas para dar sentido a estas, constituindo o que é definido como “organização da lógica argumentativa”, caracterizando-se por uni-las e a elas darem sentido (CHARAUDEAU, 2016, p.207). De outro modo, a razão persuasiva busca demonstrar à guisa de argumentos que fundamentem as propostas de mundo realizadas, bem como indicar a existência de relações de causalidade que as unem, dependendo do modo como o sujeito argumentante as realiza, sendo definido como ‘encenação argumentativa’.

Este procedimento, segundo Charaudeau (2016), contribui para demonstrar a veracidade dos mecanismos argumentativos utilizados. Segundo o autor, a encenação argumentativa consiste, para aquele que quer argumentar, em empregar mecanismos que sirvam para seu propósito de comunicação voltados para a situação em que se encontra a percepção de seu destinatário.

Para Charaudeau (2016, p.240), a citação consiste em um fenômeno linguístico denominado “discurso relatado”. Ainda nos dizeres do autor, o

objetivo de se valer da citação é tornar autêntico aquilo que se enuncia, operando como marca da fidedignidade da alegação, consistindo em “referir-se, o mais fielmente possível, (ou pelo menos dando uma impressão de exatidão) às emissões escritas ou orais de um outro locutor, diferente daquele que cita, para produzir na argumentação um efeito de autenticidade.”

Vemos, com muita frequência, documentos oficiais direcionados à Educação recorrerem a citações dos mais conceituados autores, sem ao menos fazer uma introdução à linha de pensamento deste autor ou, ainda, sem explicar o sentido da utilização de tal citação em específico, diminuindo, assim, a eficácia do argumento de autoridade ora elencado, deixando o texto solto em meio a tantos outros discursos que se seguem. Vejamos o exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias ao evocar Gramsci para validar sua proposta:

Qual seria então o lugar do rap, da literatura de cordel, das letras de músicas e de tantos outros tipos de produção, em prosa ou verso, no ensino da literatura? Sem dúvida, muitos deles têm importância das mais acentuadas, seja por transgredir, por denunciar, enfim, por serem significativos dentro de determinado contexto, mas isso ainda é insuficiente se eles não tiverem suporte em si mesmos, ou seja, se não revelarem qualidade estética. Gramsci, em 1934, já estabelecera uma diferença entre valor cultural e valor estético (BRASIL, 1997, p. 56/57).

100

O documento traz uma nota de rodapé na sequência que mais complica do que explica a constituição deste conceito gramsciano, o que, por si só, daria outro artigo para explicar corretamente, mas não é este o foco deste trabalho; assim como fica claro que não era este o intento dos autores dos PCN's quando da sua elaboração, de modo que recorrer a Gramsci neste momento sem contextualizá-lo empobrece o argumento ao invés de enobrecê-lo.

Este é apenas um de inúmeros exemplos de citações deslocadas de propósito conceitual, mas eivadas de propósito ideológico, em que o objetivo é evitar questionamentos mais profundos acerca de suas afirmações. Em relação a este aspecto ideológico, o próximo tópico elucida algumas particularidades em relação a como se deve proceder para identificar estas relações de contenda ocultas em documentos e discursos dos mais diversos.

A ótica tridimensional da Análise do Discurso Crítica de Fairclough: Texto, Prática Discursiva e Prática Social

A teoria social do Discurso e a abordagem da Análise do Discurso Crítica desenvolvida por Norman Fairclough baseiam-se no entendimento da

linguagem como parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada e entrecortada a outros elementos sociais (FAIRCLOUGH, 2003). Fairclough propõe uma articulação entre a Linguística Sistêmico Funcional, que reconhece a linguagem em uso como objetivo legítimo de análise, bem como a sociologia. Desse modo, a proposta discursiva-crítica de Fairclough (2003) sugere que pesquisas dessa natureza estejam baseadas na identificação de questões parcialmente discursivas que possam ser situados pela análise dos textos (CHOULIARAK; FAIRCLOUGH, 1999).

Para trabalhar com o discurso, Fairclough (2001) sugere uma análise tridimensional explicando que qualquer evento ou exemplo de discurso pode ser considerado, simultaneamente: *um texto* (análise linguística); *prática discursiva* (análise da produção e interpretação textual); *prática social* (análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo).

A análise textual pode ser organizada a partir de categorias como: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, em uma escala ascendente e não se restringe apenas ao texto escrito oralizado, pois o discurso engloba formas de semiose, linguagem corporal ou imagens visuais e outros elementos de práticas sociais. Fairclough (2001) pontua que não podemos assumir o papel do discurso na sociedade prática de forma imutável, garantida por si só, pois esta análise deve ser estabelecida salientando que uma prática ou conjunto de práticas pode mudar de importância ao longo do tempo, o que, direta e indiretamente, afetará o discurso seja ele escrito, falado ou encenado.

Na análise da prática discursiva, serão usadas especificamente três categorias formais (que também estão interligados a traços textuais): a força dos enunciados, os tipos de atos de fala, a coerência e a intertextualidade dos textos.

Já na análise da prática social, é possível a compreensão de que o discurso, como expressão da produção do conhecimento, se insere nas relações de poder que operam no cenário internacional, investigando se as práticas discursivas reproduzem, reestruturam ou são contraditórias em relação às tendências atuais.

Em relação ao histórico da ADC, Magalhães (2005) aponta que, na década de 1970, na Universidade de East Anglia, Grã-Bretanha, um grupo de pesquisadores desenvolveu uma abordagem de estudo da linguagem conhecida como linguística crítica (LC). Em 1979, Fowler, Kress, Hodge, e Trew publicaram *Language and Control* (Linguagem e Controle), um livro que teve repercussão entre linguistas e pesquisadores da linguagem que se interessavam pela relação entre o estudo do texto e os conceitos de poder e de ideologia.

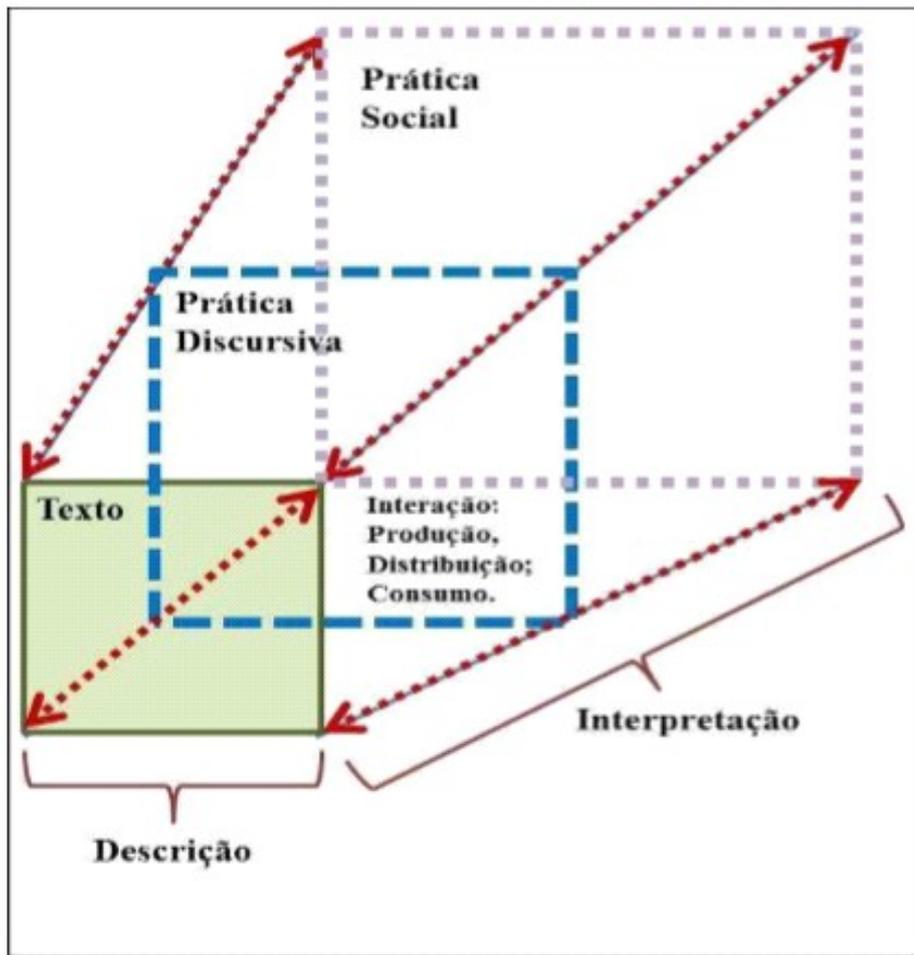
Na década de 1980, outros estudiosos se dedicaram ao desenvolvimento dessa abordagem. Magalhães (2005) destaca que Fairclough, na Universidade de Lancaster, usou a expressão 'análise de discurso crítica' pela primeira vez em artigo seminal no *Journal of Pragmatics*, em 1985, por Fairclough. A análise de discurso crítica (ADC) pode ser considerada uma continuação da linguística crítica (WODAK, 2001).

Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), a ADC está situada na ciência social crítica e na pesquisa crítica sobre a mudança social na sociedade moderna posterior. O termo 'modernidade posterior' é usado por Giddens (1991, apud MAGALHÃES, 2005) com referência às transformações econômicas e socioculturais das três últimas décadas do século XX, em que os avanços na tecnologia da informação e na mídia apartaram os signos de sua localização específica, permitindo sua livre circulação nos limites temporais e espaciais.

Ao comentar as profundas mutações econômicas e socioculturais das últimas décadas, Magalhães (2005, p. 03) traz as contribuições de Chouliaraki e Fairclough na conclusão de que tais transformações resultam em parte das estratégias de grupos particulares em um 'sistema particular'. De acordo com esses autores, "há uma necessidade urgente de teorização e de análise críticas da modernidade posterior que possam não apenas iluminar o novo mundo que está emergindo, mas também indicar as direções alternativas não realizadas existentes" (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 03/04).

Uma característica fundamental do método de análise da ADC é a concepção tridimensional do discurso, ilustrada na figura a seguir:

Figura 3
Modelo tridimensional de Análise do discurso



Fonte: Fairclough (2001).

Outra característica determinante da ADC é seu caráter emancipatório. Por meio da investigação das relações entre discurso e prática social, busca-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação de tais estruturas.

Nessa perspectiva, o discurso é visto como um momento da prática social ao lado de outros três momentos igualmente importantes e, portanto, também devem ser privilegiados na análise.

Indo de encontro às prerrogativas positivistas reducionistas, a interdiscursividade também se faz necessária para relacionar sociologicamente a análise linguística sistêmico-funcional a processos mais amplos de transformação social presentes em sociedades contemporâneas por meio da interdisciplinaridade. Fairclough (2001) vai mais além ao afirmar que a Análise Crítica do Discurso assume um caráter transdisciplinar, em que, ao mesmo tempo, se utiliza de conhecimentos de outras áreas, e produz

conhecimento a partir desta interdisciplinaridade, em um movimento dialético do ponto de vista da dinamicidade da ciência como um todo, não apenas a determinado campo privilegiado hegemonicamente. Ou seja, não é apenas a procura da cura do câncer que deve ter destaque nos eventos científicos, a visão de mundo de um ilhéu acerca de sua realidade também impacta a sociedade e é impactada por ela.

Outrossim, a Análise Crítica do Discurso produz teorias próprias, que sintetizam outras teorias na mediação entre o social e o linguístico, sendo aplicável como ferramenta metodológica nas pesquisas em Ciências Sociais Aplicadas em diversas possibilidades, seja na análise de uma portaria ministerial ou em um memorando interno de alguma empresa privada, seja na análise lexical de determinada obra literária, seus meandros e sua publicação; assim como na aplicação da visão de mundo que um magistrado possui ao proferir sua sentença. O escopo de atuação da ADC é múltiplo e complexificado à medida que o objeto de pesquisa se propõe a não evidenciar claramente sua intenção, permitindo ao (a) pesquisador (a) desvelar até o mais evanescente dos discursos, claro, sempre atendendo ao rigor metodológico que tal empreitada se dispõe a fazer, garantindo, assim, a cientificidade não só da análise, mas também das descobertas advindas deste exercício científico.

Considerações finais

A partir das considerações a respeito da linguagem, notamos que ela representa o nosso diferencial evolutivo em relação às demais espécies que habitam o globo terrestre. Nesse sentido, vimos que as atividades humanas são intermediadas pela linguagem, sendo que esta propicia ao homem as trocas de ideias que fazem avançar a ciência e, conseqüentemente, seu próprio modo de viver.

Como dissemos, a linguagem auxilia na propagação das ideias, da cultura e da ciência, permitindo assim que entremos em contato com o mundo social. Porém, esse conhecimento não deve ser realizado apenas com uma quantidade de dados, ao contrário, é necessário ter uma ferramenta adequada que permita essa análise, partindo da Análise de Discurso Crítica, a qual permita ponderações conjecturais, compreendendo o discurso como uma força ativa a partir da sua relação dialética com a estrutura social, possibilitando, ainda, investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia.

A partir dessas observações, percebemos que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, através do que orientamos nossos enunciados

para produzir sentido com base em determinadas conclusões e, conseqüentemente, excluindo outras que seriam possíveis. Isso implica dizer que a partir do discurso provém uma força argumentativa com objetivo de dissolver qualquer vontade contrária que possa oferecer resistência.

Entretanto, em que pese essa evolução do homem e da própria ciência, a visão positivista durante muito tempo imperou sobre a concepção acadêmica de se fazer ciência, moldando a pesquisa com base na visão hegemônica que as ciências naturais e biológicas traziam, afastando qualquer outro tipo de “fazer científico” que trouxesse valores, discussões contextualizadas, seja ela vinculada ao pesquisador ou à localidade na qual ele está inserido.

Apesar de essa resistência trazida por uma ciência dura, isto é, embrenhada em uma visão exclusivamente positivista, é necessário trazer luz às ciências sociais e, através dessa perspectiva, oportunizar um lugar de fala à pesquisa vinculada à linguagem e também à análise do discurso, que, como dissemos, é extremamente importante para o ser humano, vez que proporciona a propagação da cultura, da ciência e das técnicas vigentes que são e estão inseridas no contexto da produção acadêmico-científica.

Por isso, torna-se, sobremaneira importante preservar os pontos de vista que originam dessas pesquisas, principalmente, porque são essas diferentes análises que possibilitam a riqueza conceitual ou analítica que temos acesso atualmente. Lado outro, essa preservação não deve ser confundida com permissividade, transformando os trabalhos acadêmico-científicos das ciências sociais aplicadas em um antro de arbitrariedade.

Em razão disso, emerge a Análise do Discurso como uma metodologia a superar fórmulas vazias, ou seja, análises feitas sem qualquer sentido e a toque de caixa, buscando através dela eliminar as citadas arbitrariedades presentes nas mais diversas pesquisas das ciências sociais aplicadas, tornando-a válida, atentando às exigências da comunidade científica, orientando o pesquisador quanto ao conteúdo e às regras a serem observadas, preservando assim o caráter racional da pesquisa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. – São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.126p

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas.** Trad. Angela M. S. Corrêa. – São Paulo: Contexto, 2016.

CHOULIARAK, L., N. FAIRCLOUGH. 1999. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis.** Edimburgo: Edinburgh University Press.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analyzing discourse: textual analysis for social research.** London; New York: Routledge, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** 1ª ed. – São Paulo: Contexto, 2017.

FRANCO, M. L. P. B. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004 p. 169-186, jan./abr. 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Inter-Ação pela Linguagem.** 11ª. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

MAGALHAES, Izabel. Introdução: a análise de discurso crítica. **Delta**, São Paulo, v. 21, n. spe, p.1 9. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 Nov. 2019.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

NETO, José Borges. Formalismo versus Funcionalismo nos estudos linguísticos. **Anais do 1º Encontro do CelSul**, Vol. 1, 1997, p. 15-24.

PAVEAU, Marie-Anne. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparativa à pragmática.** São Carlos: Claraluz, 2006.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. V. S. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológica. In **(Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo:Atlas, 1987.

WODAK, Ruth. De qué trata el análisis crítico del discurso. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: —; MEYER, Michel (orgs.). **Métodos de Análisis Crítico del Discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 17-34.

